

## **A ferida reaberta? A representação das relações de gênero em *So long a letter* de Mariama Bâ**

Lucianne Christina Fasolo Normândia Moreira (mestranda, UFPR)

**Resumo:** Este artigo é fruto de um trabalho desenvolvido para uma disciplina da pós-graduação em Estudos Literários, e tem como objetivo a análise da representação das relações de gênero no romance *So Long A Letter*, da senegalesa Mariama Bâ. Escrito em forma de uma longa carta em primeira pessoa a Aissatou, a amiga de infância da narradora, o romance aborda diversos temas como a constituição do Senegal após a independência do país e a relação entre o tradicionalismo latente na cultura muçulmana poligâmica e a introdução de práticas ocidentais ou “progressistas”. Porém, a abordagem das relações de gênero é provavelmente a temática de maior destaque. O romance gira em torno do forte vínculo entre Ramatoulaye, a narradora, e sua amiga Aissatou, em quem ela confia para repartir suas angústias e apreensões – muitas delas causadas por relações conturbadas com homens (como seu falecido marido, Modou) e mulheres (como a segunda esposa de seu marido, Binetou). A fim de verificar como a narradora retrata relações de gênero em sua carta, as relações entre homens e mulheres e as relações de mulheres entre si em *So Long A Letter* serão analisadas a partir de sua disposição no romance e segundo um viés teórico calcado na teoria feminista como apresentada por Beauvoir (1980) e Frye (1986), entre outras.

**Palavras-chave:** *So Long A Letter*, Mariama Bâ, relações de gênero, poligamia, feminismo.

**Abstract:** This article stems from a paper developed for a course in the Literary Studies graduate program, and it has the purpose of providing an analysis of the representation of gender relations in *So Long A Letter*, a novel by Senegalese writer Mariama Bâ. Written as a long letter in the first person addressed to Aissatou, the narrator's childhood friend, the novel has several themes such as Senegal's makeup after its independence and the relation between the lingering traditionalism in polygamous Muslim culture and the introduction of western or “progressive” practices. However, the portrayal of gender relations is probably the most important theme. The novel itself revolves around the strong bond established between Ramatoulaye, the narrator and her friend Aissatou, who the narrator trusts to share her suffering and anxiety – much of which caused by troubling relations with men (such as her deceased husband, Modou) and women (such as Binetou, her husband's second wife). In order to ascertain how the narrator portrays gender relations in her letter, the relations between men and women and those between women included in *So Long A Letter* will be analyzed by how they appear in the novel and through a theoretical basis from feminist theory as presented by Beauvoir (1980) and Frye (1986), among others.

**Keywords:** *So Long A Letter*, Mariama Bâ, Gender Relations, Polygamy, Feminism.

## 1. “Vivendo nos depósitos subterrâneos de nossa história”<sup>1</sup>: ou por que resgatar a literatura de mulheres

É muito frequente, nos tempos atuais, que a mulher se depare com a afirmação de que as barreiras sociais impostas a sua livre expressão não mais existem. A mulher, é comum ouvir, não mais precisa ficar confinada ao trabalho doméstico e ao cuidado dos filhos; pelo contrário, a ela é permitido que também construa uma carreira na profissão que escolher e que mantenha seus próprios interesses. Enfim, afirma-se de forma geral que é agora possível à mulher que seja tudo que almeje ser, sendo a realização do seu desejo limitada apenas pela sua força de vontade e determinação. No que diz respeito à literatura, é comum ouvir que a mulher pode seguir a carreira de escritora, se for o que deseja, e obter boa aceitação por parte da crítica e um sucesso considerável com o público, sem que necessite censurar o que escreve ou manter-se na obscuridade de um pseudônimo ou do anonimato, como afirma Showalter (2010). Ao discorrer acerca do panorama literário americano a partir da década de 1990, a pesquisadora observa com evidente entusiasmo que as escritoras possuem total liberdade de escolha do tema sobre o qual querem escrever, bem como não são mais relegadas ao ostracismo da “Literatura Feminina” uma vez que, segundo a pesquisadora, as concepções discriminatórias acerca do que constitui a escrita ‘masculina’ e a ‘feminina’ – bem como as próprias concepções sobre masculinidade e feminilidade – “dissolveram-se” (p. 511).

Através de uma análise calcada na crítica feminista como postulado por Russ (2005) e Rich (2001), é possível questionar essa representação excessivamente otimista – e possivelmente ingênua – da sociedade. A concepção dominante ainda está baseada nas construções sociais da feminilidade e masculinidade, que não sofreram grandes modificações em sua essência. Em vista da discrepância salarial persistente, da crescente objetificação na mídia e da violência diariamente praticada contra as mulheres, é precipitado falar sobre igualdade entre os sexos. No campo da literatura, é igualmente arriscado afirmar que homens e mulheres que escrevem se encontram num patamar de igualdade, uma vez que concepções sexistas que permeiam a sociedade se encontram plenamente refletidas no âmbito literário e na linguagem, o material do qual se serve o escritor ou escritora. Ainda que seja verdade que mulheres atualmente podem escrever mais livremente, trabalhar com crítica literária e serem aceitas na academia, a inclusão – sem uma modificação social profunda – de membros do sexo feminino em campos anteriormente restritos não implica, conforme argumentam teóricas como Daly (1990), que tais indivíduos recebam um tratamento digno e não sejam sujeitos a uma discriminação (mal) encoberta ou disfarçada (p. 79).

Apesar da presença de mulheres no âmbito da literatura, uma breve observação do cânone literário<sup>2</sup> ainda revela uma preponderância de obras de autoria masculina, e

---

<sup>1</sup> A frase entre aspas no título é uma tradução livre do primeiro verso do poema “Power”, de Adrienne Rich, que não possui tradução oficial: “Living / in the earth deposits /of our history” (Cf. RICH, 1993, p. 3).

<sup>2</sup> É certo que, nos dias de hoje, não é possível discutir o cânone literário como um conjunto único e imutável; no entanto, ainda prevalece uma visão tradicional sobre certas obras

uma representação meramente simbólica de obras de autoria feminina. No entanto, essa discrepância não é um fato isolado, que se restringe à Academia. A constatação acerca do cânone literário leva, em uma análise mais aprofundada, à conclusão mais ampla de que obras escritas por mulheres não são vistas da mesma forma que obras escritas por homens, e de que o âmbito literário ainda é permeado de restrições com base em gênero a despeito de alegações acerca da igualdade de oportunidades para ambos os sexos em tal meio. Em um artigo publicado no ano passado no jornal britânico *The Guardian*, a jornalista Hanna Ellis-Petersen cita um estudo revelando que obras escritas por mulheres ainda recebem pouca atenção do mercado editorial e da crítica. E, em 2013, o escritor e professor universitário canadense David Gilmour afirmou abertamente só ensinar literatura “séria” em suas aulas – o que para ele coincidentemente excluía obras escritas por mulheres com exceção de um conto de Virginia Woolf. O escritor foi alvo de críticas por parte de leitoras, uma vez que suas declarações reduziam uma discriminação de caráter generalizado a uma simples preferência pessoal.

De fato, obras literárias produzidas por mulheres são costumeiramente consideradas mais limitadas, menos sérias e de menor qualidade se comparadas a obras de autoria masculina (RUSS, 2005, p. 76). Ademais, elas possuem uma vida pública mais curta: até mesmo quando obtêm algum sucesso, obras de autoria feminina são mais rapidamente tiradas de circulação, sendo com frequência esquecidas após a morte das autoras – ou até mesmo antes disso. Como exemplo, vale lembrar que Virginia Woolf, hoje considerada uma grande romancista, foi por muito tempo descartada como uma escritora menor e somente ganhou reconhecimento após os esforços de pesquisadoras feministas para resgatar suas obras (FELSKI, 2003, p. 142-143). Dessa maneira, um estudo minucioso da literatura escrita por mulheres com frequência torna-se equivalente a uma escavação arqueológica “nos depósitos subterrâneos de nossa história” (usando aqui um verso de Adrienne Rich): uma procura trabalhosa pela escrita suprimida de mulheres cujas faces e vozes foram apagadas da história literária.

É pertinente questionar por que existe esse embargo contra o justo reconhecimento da literatura de mulheres. A resposta é de fato complexa; não é, no entanto, impossível de ser articulada. Uma forma de explicar a exclusão da literatura de mulheres modular é argumentar que o âmbito literário (bem como demais setores da sociedade) ainda é um espaço sob estrito controle de homens. Ao discorrer sobre o monopólio exercido pelos homens sobre a representação da realidade através da língua,

---

literárias como “clássicos” atemporais, universais e inerentemente valiosos. Neste trabalho, o termo “cânone” é utilizado para se referir a tal concepção.

a linguista Julia Penelope (1990) escreve: “Em um mundo de homens, a língua pertence a eles” (p.1). O critério de seleção das obras a ser imortalizadas no cânone literário (e, portanto, na memória histórica) não é pautado pela neutralidade; pelo contrário, ele está em conformidade com a visão de mundo sustentada por uma elite social – visão esta que se apoia nas experiências e percepções do gênero masculino (RUSS, 1997, p. 115-119). Dessa forma, pode-se dizer que obras escritas por mulheres (ou homens que se encontram à margem social) são excluídas quando estas não se mostram favoráveis à manutenção da supremacia de tal elite, o que justifica o pouco interesse acadêmico que tais obras evocam.

Apesar do embargo, poderia ser argumentado que obras produzidas por mulheres são efetivamente adicionadas ao cânone. No entanto, é de importância analisar a forma como escritoras são de fato incluídas. Russ (1997) discute extensivamente sobre tal inclusão. Segundo a pesquisadora, uma vez incluídas no cânone, obras escritas por mulheres são costumeiramente relegadas a uma posição de isolamento dentro da história literária; ou seja, essas obras são consideradas como anomalias ou exceções sem uma tradição literária própria, e de fato constituem representantes simbólicos da literatura feminina condenados à marginalidade (p. 84-87, 96). Além disso, a pesquisadora observa que cada escritora incluída é geralmente representada por apenas uma obra, que é por sua vez selecionada devido à sua conformidade ao padrão da expressão permitida às mulheres (a seleção extremamente limitada dos temas “propriamente femininos”), o que leva ao julgamento fácil e desonesto de que essas obras não são “sérias” bem como à supressão de todas as demais produções literárias desviantes desse padrão (p. 65-66, 69). Isto pode ser observado, por exemplo, na classificação de Sylvia Plath e Anne Sexton como “poetas confessionais”, o que invisibiliza o seu complexo trabalho formal, ou na instituição da categoria de “literatura regional”, supostamente marcada por retratos simples do local e do pitoresco, na qual escritoras como Kate Chopin foram segregadas por muito tempo.

Assim, mostra-se de extrema importância resgatar a escrita de mulheres, sobre a qual o julgamento masculino, o silêncio e o esquecimento são impostos com tanta firmeza. Segundo escreve Adrienne Rich (2001), des-cobrir o que foi escrito por mulheres de fato implica re-ver e reaver os relatos sobre uma porção extremamente relevante de nossa história, o que culmina na construção de nosso próprio entendimento e visão sobre nossas vidas e experiências em uma sociedade (ainda) centrada na expressão e manutenção da hegemonia do ponto de vista masculino e supressão da

perspectiva crítica da mulher (p. 11-12). Assim, uma crítica literária calcada nessa revisão, nas palavras de Annette Kolodny (1980),

representa mais do que uma postura profundamente cética para com todas as outras escolas e métodos pré-existentes e contemporâneos, e mais do que uma exigência veemente de que a variedade e variabilidade da expressão literária das mulheres sejam plenamente consideradas, ao invés de descartadas como caprichos e exceções, irregularidades em um padrão regular. Ela representa o lugar na análise literária no qual, em um esforço incessante, a autoconsciência das mulheres se debruça sobre si mesma, procurando apreender as condições mais profundas de nossas próprias realidades únicas e múltiplas, na esperança de eventualmente alterar as próprias formas através das quais a cultura percebe, expressa e reconhece a si mesma. (p. 17-18, tradução minha<sup>3</sup>)

É com este objetivo de resgatar a escrita frequentemente ignorada de mulheres e descobri-la que o presente artigo propõe a análise do primeiro romance de uma escritora senegalesa ainda muito pouco conhecida fora de seu país, e cuja obra possui grande importância para uma análise da posição social da mulher: Mariama Bâ. Tendo em vida exercido uma profissão, portanto indo contra a imposição tradicional sobre a mulher muçulmana, e trabalhado como ativista no movimento de mulheres em seu país, nos dois romances que escreveu está presente a temática da análise do tratamento das mulheres em sociedade, especificamente dentro da sociedade muçulmana poligâmica. Em especial, seu primeiro romance – *Une Si Longue Lettre* no original em francês, ou *So Long A Letter* na tradução para o inglês sem tradução para o português), foi um marco na literatura francófona do Senegal, uma vez que foi a primeira obra que revelava uma análise social de cunho feminista, além de ser um dos primeiros romances escritos por uma mulher no país.

*So Long A Letter*<sup>4</sup> foi publicado em 1979. Escrito em forma de carta, o romance gira em torno da narrativa em primeira pessoa de Ramatoulaye, que se dirige diretamente a sua amiga de infância Aissatou para seu consolo após uma série de eventos que lhe causam angústia, como o abandono e a morte do marido. Embora aclamado como pioneiro, o romance também foi alvo de duras críticas devido à análise de cunho feminista nele contida, que foi por muitos considerada uma importação ocidental ou eurocêntrica e essencialmente não-africana (DELAMOTTE, MEEKER,

<sup>3</sup> Trecho original: “that criticism represents more than a profoundly skeptical stance toward all other preexisting and contemporaneous schools and methods, and more than an impassioned demand that the variety and variability of women's literary expression be taken into full account, rather than written off as caprice and exception, the irregularity in an otherwise regular design. It represents that locus in literary study where, in unceasing effort, female self-consciousness turns in upon itself, attempting to grasp the deepest conditions of its own unique and multiplicitous realities, in the hope, eventually, of altering the very forms through which the culture perceives, expresses, and knows itself.”

<sup>4</sup> Para a presente análise, será utilizada a tradução do romance para o inglês como referência. Pequenos trechos de tradução minha para o português serão incluídos no corpo do trabalho.

O'BARR, 1997, p. 221). A discussão sobre o que de fato constitui a identidade africana e como a crítica feminista viria a “deturpá-la” é complexa e foge ao objetivo do presente trabalho; entretanto, pode-se dizer que, como aponta Daly (1990), esse tipo de acusação feito a análises feministas funciona como uma forma de silenciamento e intimidação: qualquer obra escrita por uma mulher que questione práticas sociais pode ser taxada de parcial, imperialista/demasiadamente nacionalista e equivocada, e por fim ser descartada (p. 127-130). King (1994) parece pensar o mesmo, e também comenta que esse tipo de crítica tem feito com que muitas mulheres africanas, inclusive Mariama Bâ, negassem publicamente sua identificação como feministas (p. 2).

É, portanto, de extremo interesse trazer à tona esta escritora que em seus romances buscou representar a experiência de mulheres em uma sociedade patriarcal, e em um ato de revolta elevou sua voz contra o que percebia como um tratamento injusto das mulheres na cultura em que vivia. Para o presente trabalho, será feita uma análise do primeiro romance de Mariama Bâ tendo em mente seu viés feminista. Porém, entende-se que a obra é bastante rica em temáticas e possibilidades de crítica, e que um mero ensaio não seria suficiente para abordar todas elas de forma a fazer jus à sua complexidade. Sendo assim, foi selecionado um recorte para ser trabalhado mais a fundo: a representação das relações de homens e mulheres no romance, que percorre a obra toda como um verdadeiro fio temático. Entre injustas e igualitárias, as relações sociais de homens e mulheres em *So Long A Letter* tanto expressam o sofrimento de mulheres em uma sociedade muçulmana poligâmica quanto apresentam focos de esperança e possível mudança social.

## **2. Mariama Bâ: uma trajetória literária des-coberta**

Mariama Bâ nasceu em em 1929 em Dakar, no Senegal. Quando criança, aprendeu a ler e escrever com seu pai (funcionário público e posteriormente Ministro da Saúde), que insistiu que sua filha fosse escolarizada e recebesse uma educação ocidental – ou seja, diferente da educação tradicional muçulmana do país (DELAMOTTE, MEEKER, O'BARR, 1997, p. 220). Ela estudou primeiramente na Escola Francesa em Dakar e posteriormente na *École Normale* em Rufisque, e foi uma das primeiras mulheres senegalesas a receberem uma educação não tradicional. Mariama Bâ continuou seus estudos após concluir a educação primária (o que não era muito comum em sua época) e se tornou professora, profissão esta que começou a exercer ao mesmo tempo que crescia seu envolvimento como ativista no movimento de libertação das mulheres no Senegal. Em 1979, é publicado seu primeiro romance, *Une Si Longue*

*Lettre* (*So Long A Letter*, na tradução para o inglês de Modupé Bodé-Smith, em 1981; sem tradução para o português). Este romance, que recebeu o renomado Prêmio Noma de melhor obra africana em 1980, foi considerado pioneiro – e de fato o foi, não apenas por se tratar da primeira obra com uma análise de cunho feminista mas também porque foi um dos primeiros romances publicados por uma mulher no Senegal (DELAMOTTE, MEEKER, O'BARR, 1997, p. 221). Após este romance, Bâ ainda escreveu outro, *Chant Écarlate* (*Scarlet Song*, na tradução para o inglês, mas sem tradução para o português), mas este foi publicado apenas após sua morte, que ocorreu em 1981 após uma doença prolongada.

*So Long A Letter*, que será analisado no presente trabalho, pode ser denominado um romance epistolar por se tratar de uma narrativa escrita em formato de carta – embora Mortimer (1990) aponte que a obra de fato se assemelha mais estritamente a um diário (p. 71). Nele, Ramatoulaye, a narradora, escreve uma longa carta-narrativa para sua amiga Aissatou, que abandonou seu marido Mawdo Bâ quando este decidiu tomar uma segunda esposa e que estaria voltando para Dakar após uma longa ausência. Ramatoulaye relembra na carta todos os eventos de sua vida que lhe trouxeram sofrimento: ter sido abandonada por seu marido em favor de uma segunda (e bem mais jovem) esposa; cuidar de seus filhos sozinha e também cumprir as obrigações deixadas por seu marido ausente; lidar com a morte relativamente recente do marido e a solidão e tristeza resultantes deste acontecimento. A narradora também recorda o tratamento que recebia por parte da família do marido falecido e dos vários pretendentes que se apresentaram, em sua maioria de forma mesquinha ou desrespeitosa, para tomar seu lugar, além de expressar compreensão frente às dificuldades pelas quais Aissatou havia passado quando casada com Mawdo. E termina sua carta em um tom de esperança: ela espera ansiosamente rever sua amiga, que a compreende e apoia, e expressa um desejo de mudar sua vida.

Em sua longa carta, a narradora faz um retrato de experiências de mulheres na sociedade em que vive. Vivendo entre o tradicionalismo latente da cultura muçulmana e as novas perspectivas “ocidentais” ou progressistas, as mulheres no romance começam, ainda que por vezes timidamente, a buscar caminhos diferentes. Ramatoulaye e Aissatou, por exemplo, estudaram e exercem uma profissão. Porém, isto não é apresentado como uma regra, e muitas outras personagens femininas ainda reproduzem plenamente os ensinamentos convencionais acerca do papel da mulher em sociedade. A sogra de Aissatou nunca aceitou o casamento desta com seu filho porque sua classe social era superior à de sua nora; e a vizinha de Ramatoulaye, Farmata, expressa

profunda reprovação quando Ramatoulaye rejeita todos os seus pretendentes e quando se recusa a punir sua filha solteira ao descobrir que a moça estava grávida. Com isso, o romance também aborda temas como o desenvolvimento da sociedade senegalesa após a independência do país e a visão ambivalente acerca do “progresso” ocidentalizante. Mas, certamente, o grande tema explorado é a representação de relações sociais entre os gêneros, o que o faz de extrema relevância para a crítica feminista.

### **3. O retrato da ferida? Uma visão crítica sobre as relações de homens e mulheres em *So Long A Letter***

Em seu romance, Mariama Bâ faz uma representação contundente das relações entre homens e mulheres e das relações de mulheres entre si. De fato, elas são bastante diversas, e não são todas apresentadas da mesma forma. Algumas são vistas sob uma luz muito positiva, o que leva a uma noção de possível mudança sociopolítica, mas outras relações, principalmente as mais tradicionais, são apontadas como a causa da angústia da narradora – ou de Aissatou, a amiga a quem se destina a carta-narrativa. Nas palavras de Ramatoulaye, descrever relações como a de Mawdo Bâ e Aissatou é equivalente a torcer uma faca em uma ferida mal curada; ou seja, a narradora reconhece que tais relações trouxeram ou ainda trazem sofrimento (BÂ, 1989, p.26). No entanto, é fundamental estabelecer uma base teórica para a o trabalho das relações de gênero representadas no romance, a fim de evitar que a análise resultante não se mostre simplista ou que venha a ser calcada em uma visão pouco crítica. Sendo assim, a análise da representação das relações de homens e mulheres no romance, a ser desenvolvida a seguir em duas subseções, virá acompanhada de uma base teórica selecionada.

#### **3.1. Opressivas ou igualitárias? As relações entre homens e mulheres**

Ramatoulaye, a narradora do romance, discorre sobre diversas relações entre homens e mulheres em sua longa carta – entre elas a relação entre sua filha Daba e seu marido, as relações que ela mesma e Aissatou mantinham com seus maridos e a relação breve que ela manteve com seus pretendentes. A primeira é representada pela narradora de forma predominantemente positiva; no entanto, o enredo do romance está centrado nas relações conjugais de Aissatou e da narradora, vistas de forma muito negativa. Através delas, a narradora faz uma crítica da poligamia na sociedade muçulmana, bem como das imposições sociais e do “egocentrismo dos homens” que acredita ainda aprisionar as mulheres e amordaçá-las (BÂ, 1989, p. 88). Além disso, ela também reconhece que as experiências de opressão sofridas por mulheres possuem muitos



pontos em comum. De fato, como observa Frye (1983), a opressão das mulheres como grupo perpassa categorias de classe e raça, pois as suas vivências, para além das claras e muitas diferenças, estão em alguma medida pautadas pela prestação de serviços aos homens como interessa a eles (p. 9). Como também escreveu Beauvoir (1980), “a História mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro” (p. 179).

No decorrer do romance, a narradora traça diversas comparações entre o tradicionalismo da sociedade muçulmana e os novos conceitos provindos do Ocidente ou de reformas políticas após a independência do seu país. Evidentemente, Ramatoulaye se posiciona contra práticas tradicionais no que se refere a relações entre homens e mulheres, como por exemplo a poligamia, e parece por muitas vezes apoiar relações mais igualitárias. Entretanto, é interessante analisar como ela apresenta tais relações tradicionais e “progressistas”, pois sua perspectiva pode ser considerada ambígua. Como observa King (1994), Ramatoulaye é uma figura que, embora se mostre descontente com a posição da mulher na sociedade em que vive, ainda assim expressa receio em romper com ela (p. 3-4). Um exemplo disto é a sua recusa em abandonar seu marido quando este decide tomar uma segunda esposa, da mesma idade de sua filha Daba; a despeito da insistência de seus filhos (principalmente de Daba, que se mostra completamente indignada com a decisão do pai) e do sofrimento que ela sente, Ramatoulaye opta por manter o casamento com Modou e suportar seu desgosto em silêncio, até que o marido decide ele mesmo abandoná-la (BÂ, 1989, p. 39-46).

A decisão da narradora, no entanto, é muito mais complexa que uma simples escolha de continuar em um relacionamento opressivo – e compreendê-la desta forma seria ignorar diversos fatores que a levam a tomar tal decisão. É verdade que, na situação em que ela se encontra, as demais personagens do romance se mostram certas de que ela poderia deixar seu marido se assim o desejasse. Um leitor ou leitora também poderia pensar assim. Afinal, foi exatamente o que Aissatou tinha feito anteriormente quando Mawdo, seu marido, decidiu ter mais uma esposa; ela levou seus filhos e o abandonou, indo primeiramente morar na Europa e subsequentemente nos Estados Unidos na função de intérprete na Embaixada senegalesa. Porém, como assinala Frye (1983), a coerção social pode se manifestar também de forma indireta, assim deixando a aparência equivocada de que os indivíduos possuem livre arbítrio devido à ausência de uma força evidente que direcione suas ações (p.54-55). Em uma análise cuidadosa,

percebe-se o que estava de fato direcionando a determinação da narradora em permanecer casada com Modou.

Longe de ser algo precipitado ou infundado, a escolha de Ramatoulaye passa por uma análise minuciosa do destino que a esperaria caso deixasse o marido. E, demonstrando extrema lucidez, ela conclui que a vida de mulheres que se desligam de relações heteronormativas é incerta e frequentemente marcada por sofrimento ou até uma morte prematura. Ao indagar sobre suas alternativas, a narradora diz: “Ir embora? Começar novamente do zero, depois de ter vivido vinte e cinco anos com um homem, depois de ter dado à luz doze filhos? Eu tinha energia suficiente para carregar sozinha o peso desta responsabilidade, que era tanto moral quanto material?”<sup>5</sup> (BÂ, 1989, p. 39-40, tradução minha) A seguir, ela relembra a experiência de outras mulheres abandonadas ou divorciadas; ela afirma que “conhecia algumas cuja beleza foi capaz de cativar um homem bom, um homem que acrescentava um comportamento digno a uma boa situação e era considerado 'melhor, cem vezes melhor que seu predecessor’”, embora também conhecesse “outras que perderam toda a esperança de renovação e cuja solidão as tinha rapidamente levado ao túmulo.”<sup>6</sup> (ibid, p. 40, tradução minha). Note-se que ela não consegue conceber uma vida digna sem a ligação com um homem. Ramatoulaye, então, percebe a pressão social exercida sobre uma mulher “sozinha”, e resolve racionalmente não se sujeitar a isto.

O reconhecimento por parte dela de pressões sociais indiretas é também o que a pode levar a uma visão e representação ambivalente de relações progressistas ou potencialmente mais igualitárias. Por exemplo, a relação de Daba com seu marido é representada pela narradora de uma forma bastante positiva, pois ela reconhece o companheirismo entre eles e a afeição genuína que um tem pelo outro. No entanto, ela ainda percebe a iniciativa do marido de Daba de ajudar nos afazeres de casa como equivalente a mimar sua esposa (ibid, p. 73). Da mesma forma, Ramatoulaye ainda expressa pouca confiança frente a relações sociais mais livres ou menos tradicionais, e afirma em certo momento que “o mundo está de cabeça para baixo”<sup>7</sup> (ibid, p. 87, tradução minha). A força que emana da estrutura social tradicional ainda está muito presente, embora a narrativa aponte para possíveis mudanças, e a narradora não faz mais

---

<sup>5</sup> Trecho original: “Leave? Start again at zero, after living twenty-five years with one man, after having borne twelve children? Did I have enough energy to bear alone the weight of this responsibility, which was both moral and material?”

<sup>6</sup> Trecho original: “I knew a few whose remaining beauty had been able to capture a worthy man, a man who added fine bearing to a good situation and who was considered 'better, a hundred times better than his predecessor'. [...] I knew others who had lost all hope of renewal and whom loneliness had very quickly laid underground.”

<sup>7</sup> Trecho original: “The world is upside-down.”

do que reproduzir os conceitos que recebera em sua socialização e que continuam vigentes.

Por outro lado, em outras instâncias Ramatoulaye sente-se no dever de detalhar relações opressivas representando-as de forma negativa e até se posicionando contra elas. Quando Aissatou deixa Mawdo após a decisão dele de tomar outra esposa, a narradora apoia sua amiga e afirma tanto reprovação quanto incompreensão frente às ações dele. Além de representar a decisão de Mawdo como algo que causou dor e sofrimento a Aissatou, Ramatoulaye ainda declara não simpatizar com sua posição de marido abandonado e inconsolável. Como ela própria coloca: “Eu não tinha pena de Mawdo. [...] Pois Mawdo, **e através dele todos os homens**, permanecia um enigma para mim” (BÂ, 1989, p. 33, tradução e grifos meus<sup>8</sup>). A narradora não compreende como Mawdo pode estar tão arrasado mas continuar mantendo relações com sua jovem esposa Nabou, que já havia dado à luz dois filhos dele, e o questiona sobre isto. Ela tampouco aceita a explicação essencialista e biologizante de Mawdo sobre o desejo sexual masculino que domina as ações dos homens e que deve ser saciado a todo custo:

Assim, para se justificar, **ele reduziu a jovem Nabou a um 'prato de comida'**. Assim, pela 'variedade', os homens são infiéis às suas esposas.

Eu estava irritada. Ele estava me pedindo para compreender. Mas compreender o quê? A supremacia do instinto? O direito à traição? A justificativa do desejo pela variedade? Eu não poderia apoiar instintos poligâmicos. O que, então, eu deveria compreender? (ibid, p. 34, tradução e grifos meus<sup>9</sup>)

E quando Modou falece, a narradora também se rebela contra o tratamento que recebe de outros homens, que logo se apresentam como pretendentes e fazem propostas de casamento a ser realizado assim que o período de luto (observado na cultura muçulmana) termine. O primeiro homem a fazer sua proposta, puramente por interesse financeiro, é Tamsir, o irmão de Modou. Ramatoulaye se mostra ultrajada com o comportamento desrespeitoso do irmão do falecido, que se mostra ansioso por casar com ela para garantir que seja ele a ter posse das propriedades que agora estavam em seu nome e, após ouvir seu pequeno discurso, ela o rejeita violentamente. O segundo homem a se declarar interessado em casar com ela é Daouda Dieng, que havia sido seu pretendente no passado e quem Ramatoulaye havia rejeitado em favor de Modou.

---

<sup>8</sup> “I had no pity for Mawdo. [...] For Mawdo, and through him all men, remained an enigma to me.”

<sup>9</sup> “Thus, to justify himself, he reduced young Nabou to a 'plate of food'. Thus, for the sake of 'variety', men are unfaithful to their wives.

I was irritated. He was asking me to understand. But to understand what? The supremacy of instinct? The right to betray? The justification of the desire for variety? I could not be an ally to polygamic instincts. What, then, was I to understand?”

Segundo este homem afirma, a narradora tinha sido seu primeiro amor e o tempo só veio a fortalecer o que sentia. Como ela própria escreve, Ramatoulaye se comove com a declaração sincera. Porém, ela recusa a proposta de casamento em uma carta a ele porque não o ama, mas principalmente porque ele já possui uma esposa. Tendo ela mesma se encontrado em uma situação semelhante após o segundo casamento de Modou, a narradora reconhece seu dever moral de não causar sofrimento à esposa de Dieng (BÂ, 1989, p. 68).

Após Dieng, surgem muitos outros homens com propostas de casamento que Ramatoulaye vê como mesquinhas e aleatórias, e que são todas rejeitadas. É interessante notar a consequência das recusas dela. Ao se dar conta de que ela não havia aceito casar-se com Dieng, Farmata, sua vizinha (e que por sinal tinha entregue a carta de recusa), automaticamente reproduz a ideologia patriarcal e censura a narradora com duras palavras, declarando que recusar a proposta favorável de um homem não somente era loucura e lhe traria desgraça como ela mereceria isso (BÂ, 1989, p. 69). Da mesma forma, a notícia sobre os pretendentes rejeitados dá a Ramatoulaye a reputação de louca na cidade em que vive (ibid, p. 70). É certo que ela não se limita a simplesmente reconhecer as propostas de casamento como não desejáveis – e eventualmente seguir sua socialização como mulher e aceitar a proposta que lhe pareça menos desagradável. Ao invés disso, ela realmente se mostra rebelde e age, rejeitando todos os pretendentes e indo contra o que é socialmente esperado dela como mulher. A consequência de seus atos não convencionais é que, como observa Chesler (2005), ela é vista por outros como louca por não se ater a simples impressões e ousar agir sem respaldo social (p. 149-150).

### **3.2. Ferida mal curada ou fonte de apoio? As relações entre mulheres**

Esta seção do trabalho tem o objetivo de analisar como se dão as relações entre mulheres no romance. Em *So Long A Letter*, a narradora descreve um misto de experiências tanto muito positivas quanto muito negativas que provêm das relações entre mulheres. A própria premissa da narrativa por si só representa a relação íntima de duas mulheres: Ramatoulaye decide escrever uma longa carta para sua amiga Aissatou, que lhe parece ser a única pessoa que irá compreendê-la. Aissatou é, portanto, seu porto seguro, uma mulher em quem ela pode confiar plenamente e que lhe provou “a superioridade da amizade sobre o amor”<sup>10</sup> (BÂ, 1989, p. 72, tradução minha). Há, no entanto, um lado bastante sombrio das relações entre mulheres. Por exemplo,

---

<sup>10</sup> Trecho original: “You have often proved to me the superiority of friendship over love.”

Ramatoulaye e Binetou, a jovem segunda esposa de seu marido e ex-colega de escola de sua filha Daba, mantêm um relacionamento pouco amigável na qual o ciúme, a suspeita e o ressentimento são parte integrante.

No romance, a narradora relata experiências em alguma medida traumáticas provenientes do contato com outras mulheres. A convivência de Aissatou com sua sogra Nabou é bastante tensa e permeada por uma hostilidade pouco ou nada disfarçada. Como menciona a narradora, a sogra de Aissatou nunca aceitou o casamento dela com seu filho Mawdo, pois Aissatou vinha de uma classe social inferior: “Ela jurou que sua existência, Aissatou, jamais mancharia a linhagem nobre dela”<sup>11</sup> (BÂ, 1989, p. 28, tradução minha). É com o objetivo de afastá-la de seu filho e garantir que sua ascendência não fosse “insultada” que Nabou decidiu criar sua jovem sobrinha de mesmo nome e posteriormente apresentá-la a Mawdo como sua prometida. A moça então se tornou sua segunda esposa – o que levou Aissatou a deixar o marido, levando seus filhos. Quanto à Ramatoulaye, ela não parece ter passado por conflitos com sua sogra, que a respeitava (ibid, p. 20), embora sua relação com ela e suas cunhadas não tenha sido amigável:

Eu tolerava as irmãs dele [Modou], que com frequência deixavam suas casas para ocupar a minha. Elas se permitiam ser alimentadas e cuidadas. Elas ficavam olhando, sem reagir, enquanto seus filhos faziam tumulto em volta de minhas cadeiras. Eu tolerava o seu costume de cuspir, o catarro expelido com precisão sob os tapetes.

A mãe dele fazia visitas frequentemente quando saía de casa, sempre seguida de amigos diferentes, apenas para exibir o sucesso social de seu filho mas especificamente para que eles pudessem ver de perto a supremacia dela nesta bela casa na qual não morava. Eu a recebia com o respeito devido a uma rainha, e ela ia embora satisfeita, especialmente se sua mão se fechasse na nota de dinheiro que eu cuidadosamente deixasse lá. Mas antes mesmo de sair ela já pensava sobre o novo grupo de amigos que deslumbraria em breve. (ibid, p. 19, tradução minha<sup>12</sup>)

Segundo King (1994), o comportamento hostil de sogras para com suas noras está relacionado principalmente “ao fenômeno perturbador da vitimização de vítimas por vítimas”<sup>13</sup> (p. 8, tradução minha). E, de fato, diversas pesquisadoras apontam a

---

<sup>11</sup> Trecho original: “She swore that your existence, Aissatou, would never tarnish her noble descent.”

<sup>12</sup> Trecho original: “I tolerated his sisters, who too often would desert their own homes to encumber my own. They allowed themselves to be fed and petted. They would look on, without reacting, as their children romped around on my chairs. I tolerated their spitting, the phlegm expertly secreted under my carpets.

His mother would stop by again and again while on her outings, always flanked by different friends, just to show off her son's social success but particularly so that they might see, at close quarters, her supremacy in this beautiful house in which she did not live. I would receive her with all the respect due to a queen, and she would leave satisfied, especially if her hand closed over the banknote I had carefully placed there. But hardly would she be out than she would think of the new band of friends she would soon be dazzling.”

<sup>13</sup> Trecho original: “The interference of the mother-in-law seems primarily, as Mbye Cham has observed, 'the disturbing phenomenon of victims victimizing victims'.”

hostilidade que se observa entre mulheres. Daly (1990) comenta que, em diversas culturas patriarcais, mulheres assumem a posição de “torturadoras representativas” de outras mulheres (frequentemente suas filhas ou parentes próximas), o que pode levar à conclusão equivocada de que elas estão agindo deliberadamente e que não há nenhuma pressão social para que se comportem assim (p. 132, 139, 163, 198, 301). Sendo assim, a sogra de Aissatou reconhece a importância social de manter a reputação e o status de sua família e age de acordo. A sogra e as cunhadas de Ramatoulaye se comportam de forma um tanto desrespeitosa não por má-fé, mas porque seguem regras sociais sobre o papel da esposa de um homem e como ela deve tratar a sua nova família.

Chesler (2009) também assinala que mulheres demonstram agressividade para com outras mulheres porque competem entre si pelos homens e pelos recursos que possuem (p. 75-76, 128). O relacionamento da narradora e Binetou, que também não é nada amigável, pode ser analisado através desse ponto. Estas duas mulheres dependem financeiramente e/ou emocionalmente de Modou; portanto, é evidente que a relação delas poderia se tornar hostil – o que realmente ocorreu. Somando-se a isto o fato de que Modou abandona Ramatoulaye após se casar novamente é compreensível que ela veja a segunda esposa com rancor e suspeita. De fato, ela a representa em sua longa carta como despótica e egoísta, uma jovem pouco instruída que havia enfeitiçado Modou e o forçava a realizar todos os seus desejos (BÂ, 1989, p. 48-50). Ainda é relevante observar que Ramatoulaye se mostra mais ressentida com Binetou, que foi forçada a casar, do que com Modou, que escolheu livremente ter um relacionamento com esta moça, então colega de escola de sua filha.

Porém, as relações entre mulheres que recebem maior destaque no romance são marcadas pelo companheirismo e afeição genuína. É muitas vezes através destas relações com outras mulheres que as personagens femininas encontram alento para a angústia em suas vidas enquanto fortalecem-se umas às outras. Até mesmo Daba, a filha de Ramatoulaye, afirma que seu envolvimento com a causa social das mulheres se dá somente dentro de uma associação de mulheres, que ela vê como igualitária e justa e conduzente a uma “militância sadia” (BÂ, 1989, p. 74). Neste sentido, o romance expressa muito bem a visão de Raymond (2001) sobre os laços entre mulheres, que ela aponta como de extrema importância tanto social quanto política:

A amizade dá às mulheres um ponto de cristalização para viver no mundo. Ela dá forma e uma localização concreta para mulheres que não possuem estado ou pátria geográfica e nenhum gueto territorial ou diáspora real a partir do qual podem agir. A amizade fornece às mulheres um mundo comum que se torna ponto de referência para a localização em um mundo maior. O compartilhamento de visões, atrações e energias em comum possibilita às mulheres uma conexão com o mundo que evita que elas se percam nele. Assim,

partilhar a vida pessoal é ao mesmo tempo a base para uma existência social e política.<sup>14</sup> (p. 152, tradução minha)

No relacionamento de Ramatoulaye e suas filhas, por exemplo, fica evidente a sinceridade e a proximidade. Como aponta King (1994), embora a narradora tenha dificuldades em imaginar e buscar ativamente uma realidade diferente para si, ela não hesita em encorajar suas filhas a fazê-lo (p. 4). Seu relacionamento com elas de fato difere muito do padrão da sociedade tradicional. Quando se descobre que sua filha solteira Aissatou está grávida, Farmata, a vizinha, está pronta a representar a sociedade patriarcal muçulmana e incita Ramatoulaye a punir a moça por sua transgressão; ela, no entanto, se recusa a assumir a posição de torturadora de sua filha e lhe oferece conforto e apoio (BÂ, 1989, p. 81-84). Ainda, é importante notar que, após um brevíssimo acesso de raiva frente à situação, a narradora simpatiza completamente com a filha e mostra-se extremamente consternada com o esforço feito por ela para esconder a gravidez e evitar a ira da mãe (ibid, p.83). O relacionamento da narradora com sua filha Daba é igualmente permeado por um sentimento de profunda confiança. Daba, quando adolescente, é representada como vindo à sua mãe para buscar conselho e também aconselhá-la (ibid, p. 35-36, 39). Embora a narradora veja as opiniões progressistas de sua filha às vezes com ressalvas e a declare uma criança que “raciocinava sobre tudo” e que “tinha opiniões sobre tudo”<sup>15</sup> (ibid, p. 74-75, tradução minha), ela definitivamente a respeita e não impõe limites ao comportamento e pontos de vista da moça.

Mesmo assim, a relação entre mulheres que recebe mais destaque é certamente o laço entre Ramatoulaye e Aissatou. É importante lembrar que todo o enredo possui como força motriz uma longa carta escrita pela narradora para sua amiga de infância, na qual ela reflete sobre eventos traumáticos em sua vida e se nutre da força que a amizade com a destinatária da carta lhe dá e da esperança de reencontrá-la em breve. Segundo Mortimer (1990), Aissatou, sua amiga mais próxima, é a leitora ideal da narrativa de Ramatoulaye (p.71). É estabelecido um paralelo entre as duas mulheres no decorrer do romance, embora diversas diferenças sejam apontadas. Quando colegas na escola, ambas se sentiram igualmente inspiradas pelas palavras encorajadoras (e em sua

---

<sup>14</sup> Trecho original: “Friendship gives women a point of crystallization for living in the world. It gives form, shape, and a concrete location to women who have no state or geographical homeland and, in fact, no territorial ghetto or diaspora from which to act. Friendship provides women with a common world that that becomes a reference point for location in a larger world. The sharing of common views, attractions, and energies gives women a connection to the world so they do not lose their bearing. Thus a sharing of personal life is at the same time a grounding for social and political existence.”

<sup>15</sup> Trecho original: “She reasoned everything out, that child ... She had her own opinions about everything.”

essência feministas) da diretora; ambas tiveram um casamento não convencional – Aissatou unindo-se ao homem que amava mas que era de uma classe social superior à sua e Ramatoulaye escolhendo casar-se com o homem que amava e não aquele aprovado por seus pais; e ambas tiveram experiências dolorosas no casamento por conta da cultura poligâmica. Embora Ramatoulaye, ao contrário de Aissatou, não tenha ousado deixar seu marido e recomeçar sua vida em outro lugar, é em sua amiga que ela confia e é dela que recebe apoio e auxílio quando necessita (BÂ, 1989, p. 53-54).

É também através do laço estreito com mulheres, como o que mantém com Aissatou, que a narradora consegue imaginar para si – bem como para outras mulheres – uma existência diferente. Aissatou é, neste sentido, um modelo para a narradora, e a prova de que é possível a uma mulher tomar as rédeas de sua própria vida (MORTIMER, 1990, p. 70). O romance termina em um tom de esperança; Ramatoulaye expressa expectativas em reencontrar sua amiga em breve, ao mesmo tempo que reconhece seu interesse na libertação de todas as mulheres de um destino que identifica como comum e afirma ainda desejar mudar seu próprio destino. Em suas palavras: “Apesar de tudo – decepções e humilhações – a esperança ainda permanece viva em mim”<sup>16</sup> (BÂ, 1989, p. 89, tradução minha). E esta esperança se alimenta principalmente do companheirismo com Aissatou, que lhe ensinou o quão importante e transformadora uma amizade entre duas mulheres pode ser.

#### **4. Conclusão**

O primeiro romance de Mariama Bâ, como foi visto anteriormente, apresenta diversos temas que são abordados dentro da narrativa, mas definitivamente um dos principais é a representação de relações entre homens e mulheres. Foi objetivo deste trabalho analisar a forma que a narradora descreve relações entre homens e mulheres e relações de mulheres entre si. Quanto às relações entre os dois gêneros foi visto que Ramatoulaye as percebe de forma predominantemente negativa com algumas poucas exceções, mas que sua socialização ainda a impede de romper completamente com conceitos patriarcais tradicionais e conceber relações realmente igualitárias. Quanto às relações entre mulheres, algumas delas, principalmente as mais tradicionais, são apresentadas como ainda marcadas pela competição e falta de confiança – como os vínculos de Aissatou com sua sogra e de Ramatoulaye com Binetou. Por outro lado, as relações que recebem mais destaque na narrativa são apresentadas como fonte de apoio

---

<sup>16</sup> Trecho original: “Despite everything---disappointments and humiliations ---hope still lives on within me.”



e possível foco de mudanças sociais. É, então, através da união das mulheres que se pode tanto imaginar quanto construir uma realidade diferente.

Uma vez que *So Long A Letter* está certamente centrada na análise da posição social feminina, pode-se dizer que o resgate desta obra ainda pouco conhecida constitui uma contribuição considerável para a construção da análise das experiências das mulheres em sociedade, além de constituir um enriquecimento literário através da revelação de relatos/análises suprimidos ou talvez ignorados. Como analisado neste trabalho, o primeiro romance de Mariama Bâ representa a angústia da mulher abandonada, e lida tanto com a questão do seu silenciamento quanto de sua revolta – embora esta seja por vezes limitada ou ambígua. Assim, é possível afirmar que o descobrimento desta escritora contribui para o enriquecimento tanto da perspectiva crítica das mulheres quanto da tradição literária feminina. Como foi discutido, a recuperação da literatura de mulheres representa não apenas o simples reconhecimento justo do seu valor, mas também o desenvolvimento da autoconsciência sobre nossas próprias experiências como mulheres, e foi a fim de contribuir neste processo que se escreveu este trabalho.

## Referências Bibliográficas

- BÂ, Mariama. *So Long A Letter*. Londres: Heinemann Educational Books, 1989.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- DALY, Mary. *Gyn/Ecology*. Boston: Beacon Press, 1990.
- DELAMOTTE, Eugenia, MEEKER, Natania, O'BARR, Jean (ed.). *Women Imagine Change: A Global Anthology of Women's Resistance from 600 B.C to Present*. Nova Iorque: Routledge, 1997.
- CHESLER, Phyllis. *Woman's Inhumanity to Woman*. Chicago: Laurence Hill Books, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Women And Madness*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- FELSKI, Rita. *Literature After Feminism*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.
- FRYE, Marilyn. Oppression. In *The Politics of Reality: Essays in Feminist Theory*. Berkeley: Crossing Press, 1983, p. 1-16.
- \_\_\_\_\_. "In and Out of Harm's Way: Arrogance and Love". In *The Politics of Reality: Essays in Feminist Theory*. Berkeley: Crossing Press, 1983, p. 52-83.
- KING, Adele. "The Personal and the Political in the Work of Mariama Bâ." *Studies in 20th Century Literature*, Kansas State University, v. 18 n. 2, 1994.
- KOLODNY, Annette. "Dancing through the Minefield: Some Observations on the Theory, Practice and Politics of a Feminist Literary Criticism". *Feminist Studies*, College Park, v. 6 n. 1, pp. 1-25, 1980.

MORTIMER, Mildred. "Enclosure/Disclosure in Mariama Bâ's *Une si longue lettre*". *The French Review*, American Association of Teachers of French, v. 64 n. 1, p. 69-78, 1990.

PENELOPE [STANLEY], Julia. *Speaking Freely: Unlearning the Lies of the Fathers' Tongues*. New York: Teachers College Press, 1990.

RAYMOND, Janice. *A Passion For Friends: Toward A Philosophy Of Female Affection*. Melbourne: Spinnifex, 2001.

RICH, Adrienne. *Arts of the Possible*. New York: W. W. Norton, 2001.

\_\_\_\_\_. *The Dream of a Common Language*. New York: W. W. Norton, 1993.

RUSS, Joanna. *How to Suppress Women's Writing*. Austin: Texas University Press, 2005.

SHOWALTER, Elaine. *A Jury of Her Peers: American Women Writers from Anne Bradstreet to Annie Proulx*. Virago: Londres, 2010.

The Guardian. *Male writers continue to dominate literary criticism, Vida study finds*. Disponível em: Acesso em: 21 de fevereiro de 2016.

The Guardian. *Canadian author David Gilmour sparks furore over female writers*. Disponível em: <http://www.theguardian.com/books/2013/sep/27/author-david-gilmour-female-writers>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2016.